

**Em tempo de Quaresma continuamos.....**

**ORAÇÃO INICIAL**

*Senhor, Pai, meu “Abba”:*

*Que nesta Quaresma, não me limite à cinza na cabeça.*

*- Antes me lembre que sou pó.*

*Não me contente em arrepender-me.*

*- Antes acredite no Evangelho.*

*Não me baste converter os outros.*

*- Antes esteja disponível a converter-me.*

*Não me mate a percorrer o mundo para mudar a cor das coisas.*

*- Antes mude as coisas.*

*Não durma tranquilo porque sou feliz.*

*- Antes possa fazer feliz alguém.*

*Não fique aí parado à espera da Terra Prometida.*

*- Antes aceite o Reino que já chegou.*

*E agora que não me feche neste poema de boas intenções.*

*- Mas que faça o meu de realidades.*

**Frei Manuel Rito Dias - Frade Capuchinho. (Adaptado).**



## **Celebrar e viver melhor a Eucaristia**

**Terceira edição portuguesa do Missal Romano**

**(em vigor a partir 5ª feira Santa – Ano C – 2021/2022 – 14.04.2022)**

### **Nota Pastoral do Conselho Permanente da CEP**

1. A terceira edição portuguesa do Missal Romano, aprovada pela Conferência Episcopal Portuguesa no dia 14 de novembro de 2019, foi validada pelo Papa Francisco em audiência concedida à presidência da Conferência Episcopal Portuguesa no dia 8 de janeiro de 2021, em especial no respeitante aos diálogos do Ordinário da Missa e às fórmulas sacramentais. Recebeu o Decreto da *Confirmatio* e *Recognitio* da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos de 13 de outubro de 2021 (Prot. n. 117/20).

2. A presente edição foi preparada segundo as indicações da Carta apostólica em forma de Motu Proprio *Magnum principium*, as orientações dos competentes organismos da Sé Apostólica e a partir da experiência pastoral consolidada nas nossas Igrejas locais.

Esta edição para as celebrações da Missa em língua portuguesa deve ser considerada «típica» para a Igreja peregrina em Portugal, oficial para o uso litúrgico, e poderá usar-se após a sua publicação, entrando em vigor a partir do dia 14 de abril de 2022, Quinta-Feira da Semana Santa.

3. Os novos textos do *Missal Romano* em língua portuguesa são oferecidos ao Povo de Deus num tempo de aprofundamento da reforma litúrgica que brotou do Concílio Vaticano II. Passados estes anos, é necessário continuar este trabalho de aprofundamento, como afirmou o Papa Francisco: «*particularmente redescobrimo os motivos das decisões tomadas com a reforma litúrgica, superando leituras infundadas e superficiais, recepções parciais e práticas que a desfiguram. Não se trata de repensar a reforma revendo as suas escolhas, quanto de conhecer melhor as razões que lhe estão subjacentes, inclusive mediante a documentação histórica, bem como de interiorizar os seus princípios inspiradores e de observar a disciplina que a regula. Depois deste magistério, após este longo caminho, podemos afirmar com segurança e com autoridade magisterial que a reforma litúrgica é irreversível*».

A renovação conciliar da Liturgia realizou-se na publicação dos livros litúrgicos. Tal atualização demandou um aprofundamento das riquezas das fontes litúrgicas em plena fidelidade à Sagrada Escritura e à Tradição. Por isso, à pastoral e à espiritualidade litúrgicas exige-se não só esta dupla fidelidade, mas um renovado empenhamento pela palavra de Deus na participação litúrgica dos fiéis.

4. Essa linha de enriquecimento, a partir das fontes, continua nesta nova edição típica. As primeiras duas edições do *Missal* de São Paulo VI já tinham mais que duplicado as orações oferecidas pelo *Missal* precedente, de São Pio V. A nova edição típica, de São João Paulo II, oferece novos formulários no *Próprio* do Tempo (vigílias da Epifania e da Ascensão), no *Santoral* (celebrações entretanto introduzidas no Calendário) e nas Missas para diversas necessidades e votivas. No tempo da Quaresma, cada dia passa a dispor de uma específica *Oração sobre o Povo*. Os formulários do Tempo Pascal ganham variedade com novas orações tomadas dos antigos Sacramentários. Um novo prefácio dos santos mártires vem enriquecer a ação de graças da Igreja... No *Ordinário da Missa* dispomos agora de maior variedade nas saudações, no ato penitencial, no convite à oração sobre as oblatas, na introdução ao Pai nosso, nas fórmulas de despedida da assembleia no final da celebração. Também se procurou melhorar o acesso a formulários e preces que agora têm uso mais facilitado, como o rito para a bênção e aspensão (agora nos ritos iniciais) e as várias Orações eucarísticas que passam a figurar no final do *Ordinário da Missa*, bem no centro do *Missal*. O conhecimento de todas essas possibilidades, por parte dos que têm a missão de presidir à mais santa das assembleias do povo de Deus, deve quebrar rotinas. A novidade deve introduzir variedade e sentido de adaptação, em ordem a uma prece mais viva.

5. Mais do que uma tensão entre “Tradição” e “progresso”, a reforma litúrgica quer ser uma renovação na linha de uma Tradição sempre viva, que consinta um desenvolvimento orgânico. Neste percurso, os livros litúrgicos são o primeiro e o essencial instrumento para a digna celebração dos mistérios, além de serem o fundamento mais sólido para uma eficaz catequese litúrgica. Isto é verdade para cada livro litúrgico, mas muito mais para o *Missal* que, juntamente com os outros livros em uso na celebração eucarística, está ao serviço do mistério que constitui a fonte e o cume de toda a vida cristã.

6. A nova edição do *Missal Romano* para Portugal integra o nobre serviço das artes numa superior arte de celebração, que é urgente cultivar e incentivar. Disso são exemplo, as novas gravuras de um artista do nosso tempo que pretendem abrir a oração da Igreja à beleza da contemplação. Também por isso se inclui a música nos lugares próprios, onde o canto a reclama, para que na celebração – que deve ser modelar no dia do Senhor e nas festas da comunidade cristã – o canto seja mais a regra do que a exceção.

O *Missal* não é só um livro, mas uma ‘coleção’ de livros que inclui, além do *Antifonário*, o *Sacramentário*, o *Ordinário da Missa* e os *Lecionários*, que na nossa edição em língua portuguesa são oito livros.

7. É urgente uma pastoral litúrgica alicerçada numa mistagogia que acompanhe a comunidade cristã até ao centro do mistério pascal de Cristo, para que a celebração da Eucaristia, de modo especial ao Domingo, seja nobre na sua simplicidade, séria e bela. A celebração dos mistérios é, em si mesma, iniciação aos mistérios, isto é, a Liturgia inicia no mistério, celebrando o próprio mistério, e, ao celebrá-lo, revela o próprio mistério e dá-o a conhecer.

8. Um exemplo desta mistagogia da oração cristã é o retomar da tradicional conclusão plena da Oração coleta: «*Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus e convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos*». Para as restantes orações introduz-se a cláusula mais breve, tornando-as mais fluentes: «*Por Cristo, nosso Senhor*». Estas conclusões, síntese feliz e doxológica da fé da Igreja, laboriosamente formulada nos quatro primeiros Concílios Ecuménicos, são escola da oração. Nelas se modela a regra e dinâmica trinitária, cristológica e pneumatológica: ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo. A expressão final – «*pelos séculos dos séculos*» –, de sabor bíblico, reaparece no Missal, nas coletas e na doxologia final da Oração Eucarística, a reclamar o «*Ámen*» da adesão e profissão de fé da comunidade crente e orante.

9. A centralidade do mistério de Cristo na sua encarnação, morte e ressurreição traduz-se por “*ritos e preces*” cuidadosamente predispostos e usados de modo respeitoso e comprometido. Trata-se, na realidade, do cumprimento do mandato de Cristo e, ao mesmo tempo, da atualização perene do mistério pascal, a partir do modelo da última Ceia: «*Fazei isto em memória de Mim*» (Lc 22, 19; 1Cor 11, 24-25).

É em fidelidade a este modelo que a nova edição introduz uma mudança pequena, mas muito significativa no coração palpitante da Oração Eucarística, a Narração da Instituição. O verbo *benedicere* passa a ser traduzido por *bendizer* em vez de *abençoar*. Efetivamente, na Ceia em que nos deixou o memorial do seu sacrifício redentor, Jesus não *abençoou* nem benzeu o pão ou o cálice, mas dirigiu ao Pai uma oração a bendizê-lo: *bendisse-O*. Isso mesmo continuamos a evocar em oração ao Pai na prece central e culminante com que obedecemos ao mandato do Senhor Jesus de celebrar o seu memorial como Ele o instituiu: «*O Senhor tomou o pão... e dando graças Vos bendisse. ... tomou este sagrado cálice ..., dando graças Vos bendisse...*».

10. Aos secretariados diocesanos de Liturgia e Espiritualidade propomos que colaborem com os outros lugares educativos da fé da Igreja (famílias, paróquias, santuários, institutos de vida consagrada, associações, movimentos, grupos eclesiais...) para que a vida segundo o Espírito possa constantemente dessedentar-se na fonte da Eucaristia.

Uma inteligência sempre mais aprofundada do *Missal* nos lugares da formação ministerial (Seminários, Faculdades de teologia, Institutos superiores...), juntamente com uma difusão sempre mais cuidada e destinada a todos os fiéis, contribuirá para uma cultura eucarística: «*capaz de inspirar os homens e as mulheres de boa vontade nos domínios da caridade, da solidariedade, da paz, da família, do cuidado da criação*» (Papa Francisco). A oração e o compromisso quotidiano da Igreja peregrina sejam vividos à luz do encontro vital com a Palavra de Deus e com a Fração do Pão na celebração eucarística.

A nova edição do Missal Romano seja um excelente estímulo para todo o povo de Deus celebrar e viver melhor a Eucaristia.

Lisboa, 2 de fevereiro de 2022, Festa da Apresentação do Senhor

NOTA:

**Em anexo deixamos 7 reflexões sobre o mesmo tema – 3ª edição do Missal Romano em português - e produzidas pelo Secretariado Diocesano (Porto) da Liturgia.**

## V Domingo da Quaresma – Ano C – 02.04.2022

### LEITURA I – Is 43,16-21

#### AMBIENTE

O Deutero-Isaías (autor deste texto) é um profeta anónimo, da escola de Isaías, que cumpriu a sua missão profética entre os exilados. Estamos no séc. VI a.C., na Babilónia. Os judeus exilados estão frustrados e desorientados, pois a libertação tarda e Deus parece ter-Se esquecido do seu Povo. Sonham com um novo êxodo, no qual Jahwéh Se manifeste, outra vez, como o Deus libertador.

Na primeira parte do “livro da consolação” (Is 40-48), o profeta anuncia a iminência da libertação e compara a saída da Babilónia e a volta à Terra Prometida com o êxodo do Egipto. É neste contexto que deve ser enquadrada a primeira leitura de hoje. *in Dehonianos*

Depois de toda a assembleia estar tranquila e numa atitude de silêncio e escuta, lê-se o título.	Leitura do Livro de Isaías ///
O grande protagonista deste texto é o Senhor Deus que garante a coragem e firmeza do profeta. Leia-se devagar,  mantendo a intensidade e densidade do texto.  Não se deixe cair a voz. O texto é denso, remete para o sofrimento voluntário de Cristo.  Termine o texto, transmitindo convicta confiança. Deus não desilude nem desampara.	O Senhor <u>deu-me a graça</u> de falar como um discípulo, / para que eu saiba <u>dizer uma palavra de alento</u> <u>aos que andam abatidos.</u> //  Todas as manhãs <b>Ele desperta os meus ouvidos,</b> para eu escutar, / como escutam os discípulos. //  <b>O Senhor Deus abriu-me os ouvidos /</b> <b>e eu não desisti nem recuei um passo. /</b> <u>Apresentei as costas</u> àqueles que me batiam / <u>c a face</u> aos que me arrancavam a barba; / <u>não desviei o meu rosto</u> dos que me insultavam e cuspiam. ///  <b>Mas o Senhor Deus veio em meu auxílio, /</b> e por isso <u>não fiquei envergonhado;</u> // tornei o meu rosto <i>duro</i> como pedra, / e sei que <b>não ficarei desiludido.</b> ///
Seja expressivo: é uma aclamação.	<b>Palavra do Senhor.</b>

#### MENSAGEM

Este oráculo de salvação começa por recordar a “mãe de todas as libertações” (a libertação da escravidão do Egipto). Mas evocar essa realidade não pode ser uma fuga nostálgica para o passado, um repousar inerte na saudade, um refúgio contra o medo do presente (se assim for, esse passado vai obscurecer a perspectiva do Povo, impedindo-o de reconhecer os sinais que já se manifestam e que anunciam um futuro de liberdade e de vida nova) ... A lembrança do passado é válida quando alimenta a esperança e prepara para um futuro novo. Na ação libertadora de Deus em favor do Povo oprimido pelo faraó, o judeu crente descobre um padrão: o Deus que assim agiu é o Deus que não tolera a opressão e que está do lado dos oprimidos; por isso, não deixará de Se manifestar em circunstâncias análogas, operando a salvação do Povo escravizado.

De facto – diz o profeta – o Deus libertador em quem acreditamos e em quem esperamos não demorará a atuar. Aproxima-se o dia de um novo êxodo, de uma nova libertação. No entanto, esse novo

êxodo será algo de grandioso, que eclipsará o antigo êxodo: o Povo libertado percorrerá um caminho fácil no regresso à sua Terra e não conhecerá o desespero da sede e da falta de comida porque Jahwéh vai fazer brotar rios na paisagem desolada do deserto. A atuação de Deus manifestará, de forma clara, o amor e a solicitude de Deus pelo seu Povo. Diante da ação de Jahwéh, o Povo tomará consciência de que é o Povo eleito e dará a resposta adequada: louvará o seu Deus pelos dons recebidos. *in Dehonianos*

## LEITURA II – Filip 3,8-14

### AMBIENTE

A Carta aos Filipenses é uma carta “afetuosa e terna” que Paulo escreve da prisão aos seus amigos de Filipos. Os cristãos desta cidade, preocupados com a situação de Paulo, enviaram-lhe dinheiro e um membro da comunidade (Epafrodito), que cuidou de Paulo e o acompanhou na solidão do cárcere. Com o coração cheio de afeto, Paulo agradece aos seus queridos filhos de Filipos; e, por outro lado, avisa-os para que não se deixem levar pelos “cães”, pelos “maus obreiros” (Flp 3,2) que, em Filipos como em todo o lado, semeiam a dúvida e a confusão. Quem são estes? São ainda esses “judaizantes”, “os da mutilação” (Flp 3,2), que proclamavam a obrigatoriedade da circuncisão e da obediência à Lei de Moisés.

O texto que nos é proposto insere-se nesse discurso de polémica contra os adversários “judaizantes” (cf. Flp 3). Paulo pede aos Filipenses que não se deixem enganar por esses falsos pregadores, super-entusiastas, que se apresentam com títulos de glória e que parecem esquecer que só Cristo é importante *in Dehonianos*

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura da Epístola do Apóstolo São Paulo aos Filipenses ///
Frases longas! Cuidar bem das pausas e da pontuação. Ler exortativamente o <b>negrito</b> .	<b>Irmãos: //</b> <u>Considero todas as coisas como prejuízo, /</u> <u>comparando-as com o bem supremo, /</u> <u>que é conhecer Jesus Cristo, meu Senhor. ///</u>
Ideia fundamental do texto a <u>sublinhado!</u>	Por Ele renunciei a todas as coisas / e considerei tudo como lixo, / para ganhar a Cristo / e n'Ele me encontrar, // não com a minha justiça que vem da Lei, / mas com a que se recebe pela fé em Cristo, / a justiça que vem de Deus e se funda na fé. // Assim poderei conhecer Cristo, / o poder da sua ressurreição / e a participação nos seus sofrimentos, // configurando-me à sua morte, / para ver se posso chegar à ressurreição dos mortos. ///
Neste bloco de texto, cuidar bem de não correr, respeitar as pausas.	Não que eu tenha já chegado à meta, / ou já tenha atingido a perfeição. ///
Ler em tom diferente o <i>itálico</i> . Valorizar o <b>negrito</b> . Ler em tom exortativo o <i>itálico</i> . Cuidar da pausa (//) e na <u>frase</u> , cuidar do discurso que se segue.	Mas continuo a correr, <i>para ver se a alcanço, /</i> <b>uma vez que também fui alcançado por Cristo Jesus. //</b> Não penso, <i>irmãos</i> , que já o tenha conseguido. ///
Ler em tom diferente o <i>itálico</i> .	<u>Só penso numa coisa: //</u> <i>esquecendo o que fica para trás, /</i> <i>lançar-me para a frente, /</i> <i>continuar a correr para a meta, /</i> <i>em vista do prémio a que Deus, lá do alto, /</i> <i>me chama em Cristo Jesus. ///</i>
Com tom solene e aclamativo, ulhando a assembleia, convidando-a a responder.	<b>Palavra do Senhor</b>

## MENSAGEM

Ao exemplo e à pregação desses “judaizantes”, que alardeiam os mais diversos títulos de glória, Paulo contrapõe o seu próprio exemplo. Ele tem mais razões do que os outros para apresentar títulos (ele que foi circuncidado com oito dias; que é hebreu genuíno, filho de hebreus, da tribo de Benjamim; que foi fariseu e que viveu irrepreensivelmente como filho da Lei – cf. Flp 3,5-6); mas a única coisa que lhe interessa – porque é a única coisa que tem eficácia salvadora – é conhecer Jesus Cristo. É claro que os termos conhecer e conhecimento devem ser aqui entendidos no mais genuíno sentido da tradição bíblica, quer dizer, no sentido de “entrar em comunhão de vida e de destino” com uma pessoa. Aquilo que ele procura agora e que é o fundamental é identificar-se com Cristo, a fim de com Ele ressuscitar para a vida nova.

Os Filipenses – e, claro, os crentes de todas as épocas – farão bem em imitar Paulo e esquecer tudo o resto (a circuncisão, os ritos da Lei, os títulos de glória são apenas “prejuízo” ou “lixo” – vers. 8). Só a identificação com Cristo, a comunhão de vida e de destino com Cristo é importante; só uma vida vivida na entrega, no dom, no amor que se faz serviço aos outros, ao jeito de Cristo, conduz à ressurreição, à vida nova.

Mais um dado importante: Paulo está consciente que partilhar a vida e o destino de Cristo implica um esforço diário, nunca terminado; é, até, possível o fracasso, pois o nosso orgulho e egoísmo estão sempre à espreita e o caminho da entrega e do dom da vida é exigente. Mas é o único caminho possível, o único que faz sentido, para quem descobre a novidade de Cristo se apaixona por ela. Quem quer chegar à vida nova, à ressurreição, tem de seguir esse caminho. *in Dehonianos*

## DOMINGO DE RAMOS NA PAIXÃO DO SENHOR – Ano C – 10.04.2022

### LEITURA I – Is 50,4-7

### AMBIENTE

No livro do Deutero-Isaías (Is 40-55), encontramos quatro poemas que se destacam do resto do texto (cf. Is 42,1-9;49,1-13;50,4-11;52,13-53,12). Apresentam-nos uma figura enigmática de um “servo de Jahwéh”, que recebeu de Deus uma missão. Essa missão tem a ver com a Palavra de Deus e tem carácter universal; concretiza-se no sofrimento, na dor e no abandono incondicional à Palavra e aos projetos de Deus. Apesar de a missão terminar num aparente insucesso, a dor do profeta não foi em vão: ela tem um valor expiatório e redentor; do seu sofrimento resulta o perdão para o pecado do povo. Deus aprecia o sacrifício do profeta e recompensá-lo-á, elevando-o à vista de todos, fazendo-o triunfar dos seus detratores e adversários.

Quem é este profeta? É Jeremias, o paradigma do profeta que sofre por causa da Palavra? É o próprio Deutero-Isaías, chamado a dar testemunho da Palavra no ambiente hostil do exílio? É um profeta desconhecido? É uma figura coletiva que representa o Povo exilado, humilhado, esmagado, mas que continua a ser um testemunho de Deus no meio do sofrimento em que vive? É uma figura representativa, que une a recordação de personagens históricas (patriarcas, Moisés, David, profetas) com figuras míticas, de forma a representar o Povo de Deus na sua totalidade? Não sabemos; no entanto, a figura apresentada vai receber uma outra iluminação à luz de Jesus Cristo, da sua vida, do seu destino.

O texto que nos é proposto é parte do terceiro cântico do “servo de Jahwéh”. *in Dehonianos*

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura do Livro de Isaías ///
Ler devagar. Cuidar das pausas e pontuação!	<i>O Senhor abriu outrora caminhos através do mar, / veredas por entre as torrentes das águas. //</i>
O texto a <i>itálico</i> leva à <u>conclusão</u> . Na leitura, cuidar que se note tal!	<i>Pôs em campanha carros e cavalos, / um exército de valentes guerreiros; //</i> <u>e todos caíram para não mais se levantarem, / extinguíram-se como um pavio que se apaga. ///</u>
Valorizar o <b>negrito</b> . Preparar o texto que se segue. Cuidar bem da pausa (//).	<b>Éis o que diz o Senhor: //</b> «Não vos lembreis mais dos acontecimentos passados, / não presteis atenção às coisas antigas. //
Ler bem o <u>Olhai</u> , parar nos (:). Cuidar da <u>interrogação</u> .	<u>Olhai</u> : vou realizar uma coisa nova, / que já começa a aparecer; <u>não a vedes?</u> //
O <i>itálico</i> em tom diferente (secundário). Enfatizar o <b>negrito</b> .	Vou abrir um caminho no deserto, / fazer brotar rios na terra árida. //
Valorizar o <b>negrito</b> , palavra de esperança!	Os animais selvagens – <i>chacais e avestruzes</i> – / <b>proclamarão a minha glória, /</b> porque farei brotar água no deserto, / rios na terra árida, / para matar a sede ao meu povo escolhido, / <b>o povo que formei para Mim /</b> <b>e que proclamará os meus louvores». ///</b>
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	<b>Palavra do Senhor</b>

## MENSAGEM

O texto dá a palavra a um personagem anónimo, que fala do seu chamamento por Deus para a missão. Ele não se intitula “profeta”; porém, narra a sua vocação, com os elementos típicos dos relatos proféticos de vocação.

Em primeiro lugar, a missão que este “profeta” recebe de Deus tem claramente a ver com o anúncio da Palavra. O profeta é o homem da Palavra, através de quem Deus fala; a proposta de redenção que Deus faz a todos aqueles que necessitam de salvação/libertação ecoa na palavra profética. O profeta é inteiramente modelado por Deus e não opõe resistência nem ao chamamento, nem à Palavra que Deus lhe confia; mas tem de estar, continuamente, numa atitude de escuta de Deus, para que possa depois apresentar – com fidelidade – essa Palavra de Deus para os homens.

Em segundo lugar, a missão profética realiza-se no sofrimento e na dor. É um tema sobejamente conhecido da literatura profética: o anúncio das propostas de Deus provoca resistências que, para o profeta, se consubstanciam quase sempre em dor e perseguição. No entanto, o profeta não se demite: a paixão pela Palavra sobrepõe-se ao sofrimento.

Em terceiro lugar, vem a expressão de confiança no Senhor, que não abandona aqueles a quem chama. A certeza de que não está só, mas que tem a força de Deus, torna o profeta mais forte do que a dor e o sofrimento. Por isso, o profeta “não será confundido”. *in Dehonianos*

## LEITURA II – Filip 2,6-11

### AMBIENTE

A cidade de Filipos era uma cidade próspera, com uma população constituída maioritariamente por veteranos romanos do exército. Organizada à maneira de Roma, estava fora da jurisdição dos governantes das províncias locais e dependia diretamente do imperador; gozava, por isso, dos mesmos privilégios das cidades de Itália. A comunidade cristã, fundada por Paulo, era uma comunidade entusiasta, generosa, comprometida, sempre atenta às necessidades de Paulo e do resto da Igreja (como no caso da coleta em favor da Igreja de Jerusalém – cf. 2 Cor 8,1-5), por quem Paulo nutria um afeto especial. Apesar destes sinais positivos, não era, no entanto, uma comunidade perfeita... O desprendimento, a humildade e a simplicidade não eram valores demasiado apreciados entre os altivos patrícios que compunham a comunidade.

É neste enquadramento que podemos situar o texto que esta leitura nos apresenta. Paulo convida os Filipenses a encarnar os valores que marcaram a trajetória existencial de Cristo; para isso, utiliza um hino pré-paulino, recitado nas celebrações litúrgicas cristãs: nesse hino, ele expõe aos cristãos de Filipos o exemplo de Cristo. *in Dehonianos*

Depois de toda a assembleia estar tranquila e numa atitude de silêncio e escuta, lê-se o título.	Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Filipenses /
Faça-se distinguir as duas partes do texto. Trata-se de um hino litúrgico, poético. Esta primeira parte é mais dramática; deve ser lida num tom mais meditativo.  O tom altera-se para mais jubiloso e esperançoso, nesta segunda parte: passe de humilhação para exaltação. É importante não deixar cair a voz: catamos a falar da vitória de Cristo.	<i>Cristo Jesus. /</i> que era <u>de condição divina, /</u> <b><u>não Se valeu da sua igualdade com Deus, /</u></b> <b><u>mas aniquilou-Se a Si próprio. //</u></b> Assumindo a condição de servo, / tornou-Se semelhante aos homens. / Aparecendo como homem, / <b>humilhou-Se ainda mais, /</b> obedecendo <u>até à morte/ e morte de cruz. ///</u>  Por isso <b>Deus O exaltou /</b> <b>e Lhe deu o nome que está acima de todos os nomes, /</b> para que ao nome de Jesus <u>todos se ajoelhem /</u> no céu, na terra e nos abismos, / e toda a língua proclame que <b>Jesus Cristo é o Senhor, /</b> para glória de Deus Pai. ///
Trata-se de uma aclamação: deve ser dito num tom de voz mais elevado.	<b>Palavra do Senhor</b>



## MENSAGEM

Cristo Jesus – nomeado no princípio, no meio e no fim – constitui o motivo do hino. Dado que os Filipenses são cristãos, quer dizer, dado que Cristo é o protótipo a cuja imagem estão configurados, têm a iniludível obrigação de comportar-se como Cristo. Como é o exemplo de Cristo? O hino começa por aludir subtilmente ao contraste entre Adão (o homem que reivindicou ser como Deus e lhe desobedeceu – cf. Gn 3,5.22) e Cristo (o Homem Novo que, ao orgulho e revolta de Adão responde com a humildade e a obediência ao Pai). A atitude de Adão trouxe fracasso e morte; a atitude de Jesus trouxe exaltação e vida.

Em traços precisos, o hino define o “despojamento” (“kenosis”) de Cristo: Ele não afirmou com arrogância e orgulho a sua condição divina, mas aceitou fazer-Se homem, assumindo com humildade a condição humana, para servir, para dar a vida, para revelar totalmente aos homens o ser e o amor do Pai. Não deixou de ser Deus; mas aceitou descer até aos homens, fazer-Se servidor dos homens, para garantir vida nova para os homens. Esse “abaixamento” assumiu mesmo foros de escândalo: Ele aceitou uma morte infamante – a morte de cruz – para nos ensinar a suprema lição do serviço, do amor radical, da entrega total da vida.

No entanto, essa entrega completa ao plano do Pai não foi uma perda nem um fracasso: a obediência e entrega de Cristo aos projetos do Pai resultaram em ressurreição e glória. Em consequência da sua obediência, do seu amor, da sua entrega, Deus fez d’Ele o “Kyrios” (“Senhor” – nome que, no Antigo Testamento, substituíra o nome impronunciável de Deus); e a humanidade inteira (“os céus, a terra e os infernos”) reconhece Jesus como “o senhor” que reina sobre toda a terra e que preside à história. É óbvio o apelo à humildade, ao desprendimento, ao dom da vida que Paulo faz aos Filipenses e a todos os crentes: o cristão deve ter como exemplo esse Cristo, servo sofredor e humilde, que fez da sua vida um dom a todos; esse caminho não levará ao aniquilamento, mas à glorificação, à vida plena. *in Dehonianos*

## ORAÇÃO FINAL

*Pedi a Deus que me desse força para sobressair perante os outros,  
deu-me debilidade para obedecer humildemente.  
Pedi a Deus que me desse riqueza para obter a felicidade,  
deu-me pobreza para ser prudente.  
Pedi a Deus saúde para poder fazer obras grandiosas,  
deu-me algumas enfermidades para fazer obras melhores.  
Pedi a Deus tudo para gozar a vida,  
deu-me a vida para poder gozar de tudo.  
Não recebi de Deus nada do que pedi,  
Mas, sim, tudo o que poderia esperar.  
Apesar de mim mesmo, uma a uma foram ouvidas todas as minhas orações.  
Sou, entre todos os homens, o mais afortunado.*

*Autor anónimo*